

INTRODUÇÃO

O corpo traduz o ser e estar do homem na sociedade e que nela deixa marcas impressas de suas relações sociais. Le Breton (2013, p. 16), enfatiza que os corpos, recebem, influenciam e retratam a maneira como o homem representa cada sociedade, cada grupo ou etnia; o corpo é, portanto, o reflexo de cada época vivida, de cada momento da história do homem e suas relações com a própria sociedade. Mas, e aqueles cujos corpos não se “encaixam” nesses moldes?

Martins e Borges (2012, p. 380) destacam que a deficiência física, em específico, causa grande impacto na sociedade, certamente por seus “defeitos” aparentes, que fogem ao padrão de beleza estabelecido, podendo causar, problemas psicológicos, como baixa autoestima e desmotivação. Na contramão dessa perspectiva, Rechineli, Porto e Moreira (2008, p. 306) apontam que a superação eminente dessa relação entre corpo-sujeito-sociedade quando configurada a partir do rompimento dos estereótipos e oportunizado o convívio das diferenças, dos corpos considerados diferentes, independente do ambiente, tende a sentimentos, como a solidariedade e igualdade. Entretanto quando se trata do ambiente esportivo, Torri e Vaz (2017, p. 538) afirmam que este é um cenário imbricado de preceitos de inclusão e superação, propício a suscitar ações de rompimento com atos de exclusão.

O que questionamos, a partir dessas incursões iniciais é: Como a pessoa com deficiência praticante de esporte paralímpico percebe os olhares direcionados à seu corpo? Para responder a esta inquietude, a pesquisa teve como objetivo verificar a percepção de praticantes de esportes paralímpicos acerca dos olhares direcionados a elas em seu cotidiano.

CAMINHOS PERCORRIDOS

A pesquisa caracteriza-se como do tipo descritiva (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012, p. 39), tendo a participação de 19 atletas, 1 do sexo feminino e 18 do masculino, com idade média de 35 anos e 7,5 anos (média) de prática das modalidades paralímpicas: Bocha (4), Basquete em Cadeiras de Rodas (BCR) (8) e Vôlei Sentado (7). Os praticantes de Vôlei Sentado serão referenciados como SV, de Bocha como SB e de BCR como SBC. As modalidades foram eleitas por serem presentes na cidade de Maringá-PR, com o objetivo de alto rendimento e estarem entre as 20 modalidades paralímpicas. Todos os sujeitos possuíam deficiência física sem comprometimento do intelectual.

Como instrumento utilizou-se a entrevista não estruturada. De acordo com Minayo (2013, p. 262), neste tipo de entrevista o “informante é convidado a falar livremente sobre um tema” (RICHARDSON, 2012, p. 208).

Para a análise dos dados, optou-se por seguir os pressupostos da análise de conteúdo (MINAYO, 2013, p. 303). O estudo respeita questões éticas, sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, nº 2.145.389.

O CORPO: QUAIS OLHARES SÃO ATRAÍDOS POR ELE?

A partir das falas dos praticantes de esporte paralímpico, tendo eleito, *a priori* a categoria *Corpo*, foi elencada, *a posteriori*, a subcategoria *Olhares*.

A subcategoria *Olhares*, evidenciou que, de fato, são lançados olhares de forma marcante sobre os corpos com deficiência física dos praticantes das três modalidades investigadas. Esse achado permite afirmar que o corpo que vai de encontro com o padrão estético ainda causa estranheza, conforme descrito pelos jogadores da modalidade de Vôlei Sentado ao evidenciarem tessituras acerca de como o outro os “vêem”, destacando as inquietações, sobrepujando o “ser” em detrimento ao “ter”.

SV1: não que eu não me acostumei, mas às vezes você vai num lugar e a pessoa parece que te olha meio assim, te olha diferente, sei lá, não sei se é uma novidade pra elas. Eu não ligo, não mesmo, mas é estranho pra mim, entendeu; SV6: Porque às vezes, não sei, às vezes você usa short e chama a atenção, as pessoas ficam olhando, às vezes comenta, e eu não gosto disso, não [...] ficar olhando sim, sempre olha, né, passa assim, dá uma olhadinha, às vezes quando é criança...vira e mexe vem aquela pergunta, às vezes nem por mal, mas por curiosidade mesmo [...].



Olhar o diferente do padrão por vezes é um ato involuntário, como afirmam os praticantes de Vôlei Sentado estimulados pela curiosidade, algo potencializado quando, por exemplo, as pessoas com deficiência circulam pelas ruas da cidade:

SV7: No começo são as crianças, né, as criança são inocente, então elas passavam com a mãe, antes de amputar, que eu fiquei de muleta e com a perna esticada, até hoje eu me lembro da criança falando assim: "Olha lá, mãe, ele não sabe nem andar ainda!". A mãe pegou a criança, tinha uns 3, 4 anos, ficou brava com a menina, a mãe em vez de explicar, que a criança é inocente, me vê com a perna esticada. Até que depois que eu botei a prótese, ela, "olha lá, mãe, ele tem perna de pau".

A fala suscita perceber que os olhares distorcidos e/ou equivocados dos adultos munidos de preconceitos ou dogmas e paradigmas podem ser gerados desde a infância e motivados pela falta de convivência com o outro, como no caso da PCD.

Sobre a relevância do pensar a diferença desde a infância o participante, SV3 expõe em sua fala, a necessidade do conhecimento adquirido na infância sobre a deficiência, isso porque, como afirma Maciel (2000) a falta do conhecimento leva a visões estereotipadas da deficiência, podendo esta ser considerada uma espécie de problema.

Hoje eu tenho um filho de 19 anos, eu amputei ele tinha dez, então ele me conheceu com perna e me conheceu sem perna, os outros dois pequeno já não, conheceu eu desse jeito, pra eles é interessante assim que eles não veem deficiência nos outros, eles olham, que nem, você já um deficiente e já fica apontando, eles não, eles olham um deficiente e pra eles é uma pessoa igual eles, eles já cresceram, pra eles eu sempre fui assim, então pra eles é normal mas o que mais motivou seguir em frente.

No caso dos praticantes de BCR, a questão do conhecimento e da curiosidade predominaram nos discursos relacionados aos olhares, como expresso pelo SBC3 em uma situação vivenciada no shopping:

Teve uma vez que eu lembro que a gente tava indo pro shopping e tinha um cara olhando um monte, aí ele pegou e falou, tá vendo, isso é preconceito, o cara tá olhando, já apontou uma duas vezes pra cá. Fui lá e conversei com o cara, falei e aí, beleza, daí ele olhou assim e falou, cara, que cadeira massa, que que é isso aí, o que que faz com ela? E ele não tava meio acuado assim, ele viu que eu cheguei e foi falando, então o olhar dele não era aquele olhar de tipo, nossa, aleijado, credo. Era querendo entender da onde que saiu esse povo.

A fala dos participantes SBC3 destaca que a falta de conhecimento influencia na não abordagem da pessoa sem deficiência para uma conversa com a PCD, acarretando pouco contato entre os sujeitos e ampliando a influência de preconceitos em muitos deles. O SBC2 explicita a mesma constatação destacada pelos praticantes de Vôlei Sentado, que, na cidade de Maringá-PR, é difícil se ver uma PCD nas ruas o sujeito investigado cita como exemplo, sua cadeira: "Tipo, essa cadeira aqui é feita sob medida, ela não é igual uma cadeira hospitalar comum que o pessoal anda na rua, daí eles já olha na rua por ser diferente, eles não entende pra que serve essa cadeira".

O participante SBC2 ainda enfatiza que as pessoas muitas vezes os veem como "coitadinhos", incapazes de realizar qualquer tarefa. Na pesquisa de Mendes (2008) olhares de dó e piedade também foram relatados pelos investigados. Esses olhares podem ser desmistificados por meio do contato com a PCD e sua relação com esporte, como foi evidenciado na experiência relatada do SBC2:

Inclusive ontem eu tava no colégio, e tava o professor Juliano, e pediu pra mim dar aula de tênis pras crianças. E eles me vendo na cadeira e, nossa, tadinho, cadeirante. E aí começando lá a jogar com eles assim, e eles, nossa, você fez isso, nossa, você é muito bom. O espanto deles assim vendo eu jogar tênis foi gratificante. Eles me viam como coitadinho e vendo eu jogar, eles viram que era diferente.



THE BODY OF THE DISABLED PEOPLE: PERCEPTIONS OF PARALYMPIC SPORTS PRACTICERS

ABSTRACT

The objective was to verify the perception of practitioners of Paralympic sports about the glances directed to their bodies in their daily life. Participated in the study, through an unstructured interview, analyzed based on content analysis 19 athletes. It was evidenced the looks aimed at the body of the Paralympic athlete is the fruit of curiosity, lack of knowledge and prejudice. It is concluded that the sport potentiates the overcoming of the distorted glances, enhancing their abilities.

KEYWORDS: *physical disability; Paralympic sports; looks.*

EL CUERPO DE LA PERSONA CON DEFICIENCIA: PERCEPCIONES DE PRACTICANTES DE DEPORTES PARALÍMPICOS

RESUMEN

Se objetivó verificar la percepción de practicantes de deportes paralímpicos acerca de las miradas dirigidas a sus cuerpos en su cotidiano. Participaron del estudio, por medio de una entrevista no estructurada, analizadas con base en el análisis de contenido 19 atletas. Se evidenció las miradas dirigidas al cuerpo del atleta paraolímpico es fruto de curiosidad, falta de conocimiento y prejuicio. Se concluye que el deporte potencia la superación de las miradas distorsionadas enalteciendo sus capacidades.

PALABRAS CLAVES: *deficiencia física; deportes paralímpicos; se ve.*

REFERÊNCIAS

- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.14, n.2, p. 51-56, 2000.
- MELLO, A. G.; *Por uma abordagem antropológica da deficiência: pessoa, corpo e subjetividade*. 86f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Ciência Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MENDES, B. C. Turismo e inclusão social para cadeirantes. 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade)- Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2008.
- RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.14, n. 2, p. 293-310, 2008.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- TORRI, D.; VAZ, A. F. *Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos*. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 4309, p. 536-550, 2017.

